



**O cinema castanhalense nas circularidades sociais de
'Memórias do Cine Argus' (2014)**
*Castanhal's cinema in the social circularities of 'Memórias do Cine Argus'
(2014)*

Matheus de Sousa Oliveira

Mestrado em História (2022 – Atual) pela Universidade Federal do Pará,
<https://orcid.org/0000-0002-8521-0124>, matheussousa0712@gmail.com

Recebido em: 28/04/2023/ Aceito em: 23/08/2023
DOI: 10.12660/rm.v15n24.2023.89279

Resumo

Este trabalho observa de maneira contextual e analítica o processo de interação comunitária em torno do curta-metragem “Memórias do Cine Argus”, lançado em 2014 e dirigido pelo cineasta paraense Edivaldo Moura. O filme aborda parte da trajetória do cinema de rua multicultural chamado “Cine Argus” (1938-1995), que se firmou no município de Castanhal, no estado do Pará. O texto destaca uma série de coletividades sociais firmadas na trajetória de recepção e circulação do curta-metragem e como resultado, foi identificado que o filme funciona como uma forma de preservação audiovisual das memórias que circundavam o Cine Argus ao produzir a sua própria escritura específica do cinema de rua castanhalense através das memórias de parte dos moradores do município.

Palavras-chave: Cinemas do Pará; Cinemas do Interior; Memória; Recepção; Curta-metragem.

Abstract

This work contextually and analytically observes the process of community interaction around the short film “Memorias of Cine Argus”, released in 2014 and directed by the filmmaker from Pará, Edivaldo Moura. The film addresses part of the trajectory of multicultural street cinema called “Cine Argus” (1938-1995), which was established in the municipality of Castanhal, in the state of Pará. The text highlights a series of social collectivities established in the trajectory of reception and circulation of the short film and as a result, it was identified that the film works as a form of audiovisual preservation of the memories that surrounded the Cine Argus by producing its own specific writing of the street cinema of Castanhal through the memories of part of the residents of the municipality.

Keywords: Cinemas in Pará; Interior Cinemas; Memory; Front desk; Short film.

Introdução

O presente artigo se encarregará de apresentar um fragmento de um estudo em andamento referente a uma pesquisa de dissertação de mestrado acadêmico em História Social da Amazônia que compõe o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará. Intitulada como “ENTRE O CINEMA E A LOCOMOTIVA: os documentários de Edivaldo Moura como escrituras fílmicas de um passado castanhalense (1940-1995)”, a dissertação pretende abordar dois documentários do diretor paraense Edivaldo Moura (estes sendo “O Cinema de Seu Duca de 2016 e “A Última Maria” de 2021) como escrituras fílmicas de parte da história do município de Castanhal, no nordeste do Pará, ao trabalhar coletivamente com as lembranças dos moradores da região no compartilhamento de suas experiências com determinados espaços sociais que faziam parte da antiga urbe castanhalense durante o século XX.

Nesse artigo, o nosso foco estará voltado ao curta-metragem intitulado “Memórias do Cine Argus” (2014), produção essa que aborda a trajetória do Cine Argus no município através das memórias dos antigos frequentadores e familiares do proprietário do cinema na região. Memórias do Cine Argus foi o percussor daquele que se tornou o filme definitivo de Edivaldo Moura sobre o cinema que agitava a vida cultural de Castanhal durante boa parte do século XX (“O Cinema de Seu Duca”), este sendo lançado no ano de 2016 e estreado em rua pública para a comunidade castanhalense.

O nosso objetivo aqui se concentrará na identificação do processo de recepção e circulação do curta-metragem, principalmente ao observar a intensa interatividade social que foi sendo estabelecida entre o cineasta e a comunidade castanhalense (e com públicos fora do estado do Pará) nesses dois elementos processuais do filme. A gama de memórias e informações dos antigos frequentadores do Cine Argus que vinham sendo compartilhadas com Edivaldo Moura durante a etapa de circulação do curta-metragem no município no ano de 2014, acabaria por solapar a internalidade fílmica em sua extensão, gerando assim uma necessidade no cineasta em produzir uma versão estendida do filme que abordasse as outras facetas culturais e sociais do antigo cinema castanhalense.

A história do Cine Argus em Castanhal tem início no ano de 1938 por via dos sócios Paulo Bezerra Cavalcante e Manoel Carneiro Pinto Filho que juntos, através

da firma Cavalcante & Carneiro, fundam o cinema na região em um dia de sábado daquele ano, estreando com o filme “Cavaleiro da Noite”, um *western* estrelado por Bob Steele. O próprio Paulo Cavalcante, em 1989, narra a sua empreitada na fundação do cinema através de uma coluna do jornal paraense “O Liberal” intitulada “Panorama”, comandada pela jornalista e crítica de cinema Luzia Álvares Miranda durante os anos 80. A coluna comportava uma sessão intitulada “Como eram os velhos cinemas de Belém” que, após receber vários relatos de experiências em outros cinemas no Pará além de sua capital, a sessão passaria a se chamar “Como eram os velhos cinemas no Pará”, que conta com o texto de Cavalcante sobre a origem do Cine Argus em Castanhal. Após adquirir uma máquina de cinema portátil marca DeVry de 35mm em Belém do Pará, Cavalcante parte para Castanhal em 1938 com o intuito de fundar um cinema na região:

Quando desci do trem na estação de Castanhal, alguém informou-me que nos fundos de uma casa comercial, bem ao lado da estação havia um grande barracão próprio para cinema. Dirigi-me a tal casa e a primeira pessoa com quem falei da minha pretensão, foi um rapazinho, caixeiro da loja, chamado Manuel Carneiro Filho, mais conhecido por Duca. Que estranha coincidência: o rapazinho era mais vidrado em cinema do que mesmo eu. Após os entendimentos com os proprietários da casa, os comerciantes Anastácio Melo e Antônio Lins fomos examinar o barracão. Que sorte! Não faltava nada, a não ser a máquina de projeção. Tela, bancos, cabine, instalação elétrica, tudo em perfeitas condições (...) Com a notícia de que outro cinema iria funcionar na cidade, a meninada acorreu ao local para ajudar em qualquer tarefa para garantir-lhe entrada grátis. Vieram outros colaboradores interessados apenas em ajudar para que o cinema estresse logo. (CAVALCANTE, 1989, p. 5)

Com o passar dos anos, diversos problemas estruturais foram surgindo no estabelecimento em que o cinema funcionava, o principal destes segundo Cavalcante foi a venda da casa comercial na qual o cinema se situava aos fundos. Os novos proprietários efetuaram uma série de reformas no prédio, prejudicando assim, a própria entrada para o cinema que agora comportava sacas de farinhas e cereais que os novos donos depositavam no espaço. Estes contratemplos ocasionaram um grande esforço para Cavalcante e Carneiro na organização do local antes das exibições, “deixando uma estreita passagem para os espectadores” (CAVALCANTE, 1989, p. 5).

Cavalcante desistiria da sociedade e retornaria a Belém, vendendo assim a sua parte para Manoel Carneiro (Seu Duca) que então possuiria o controle completo do Cine Argus. Seu Duca sairia do antigo barracão, onde primordialmente funcionou

o cinema, e se estabeleceria durante alguns anos em um prédio alugado, ao lado da prefeitura do município. Ali ficaria durante alguns anos, permeando até meados da década de 40, pois em 1944, o Cine Argus ganharia o seu endereço definitivo no coração comercial do município através de um terreno próprio adquirido por Seu Duca. Este seria o espaço adequado para o cinema que ali permaneceria até 1995, ano do encerramento de suas atividades na região. Durante todos esses anos, o Cine Argus funcionou como um espaço multicultural para a comunidade castanhalense, desenvolvendo assim, diversas atividades para o município como bem relata Arquimimo Cardoso Junior, antigo vizinho do Cine Argus e pesquisador do cinema do município:

O prédio do Cinema Argus foi também utilizado para apresentações de teatro, shows musicais, cerimônia de colação de grau, bailes de carnaval, convenção partidária, etc, e o sistema de alto-falante tocava músicas trinta minutos antes de começar a sessão e também noticiava falecimento de moradores da cidade. (CARDOSO JUNIOR, 2008, p. 5)

Ou também como bem lembra Ivanise Pimentel, uma das frequentadoras assíduas do cinema que, na mesma coluna jornalística de Luzia Miranda, relembra suas experiências no antigo espaço de Seu Duca em um misto de regozijo e saudade dos espetáculos artísticos exibidos no Cine Argus em seus tempos áureos no município de Castanhal:

Frequentei o Cine Argus desde menina e já se vão mais de 20 anos. Lá assisti a shows de mágicos que tiravam coelhos de cartolas, tiravam os relógios dos meninos da plateia, multiplicavam moedas, serravam mulheres ao meio e etc.; assisti hipnotismo onde um homem de preto fazia os meninos fazerem xixi, botarem ovo e carcarejarem como galinhas. Shows do saudoso Carequinha, do Waldik Soriano e filmes, filmes que nunca esqueci, que até hoje lembro de cenas e de músicas. (PIMENTEL, 1989, p. 5)

Mais do que um ambiente de diversão e entretenimento, o Cine Argus também seria visto por parte da comunidade castanhalense como um legítimo espaço que desempenhava verdadeiras funções sociais para o município de Castanhal, tanto em quesitos políticos, como na realização de reuniões partidárias e comícios¹, quanto nos

¹ Como mais um exemplo deste aspecto, podemos citar o programa "A voz da cidade" que funcionava através dos alto-falantes externos do cinema antes das sessões começarem. O programa era uma espécie de espaço aberto para diferentes políticos (de vários partidos) exporem suas ideias e projetos para o município.

fatores econômicos através da movimentação de atividades lucrativas que se estabeleciam em torno do cinema de rua. Neste segundo aspecto, um dos filhos de Seu Duca, Amílcar Carneiro, chega a comentar sobre os “empregos indiretos” que o Cine Argus provocava na comunidade castanhalense, citando assim uma extensa lista de indivíduos da região que se beneficiavam do movimento social no cinema para vender seus variados produtos alimentícios:

O cinema sempre foi um grande criador de atividades paralelas e informais. A realização de um filme até sua exibição gera mais emprego do que outro produto de qualquer indústria (...) Hoje, as salas requintadas englobam todo o serviço extra como venda de balas, pipocas e refrigerantes. Antes, pelo menos no interior, os proprietários não se preocupavam muito com isso, aí surgiam os vendedores de porta de cinema. Da balinha ao Gibi, passando pelo picolé, tudo era comercializado nas portas dos cinemas. Aqui em Castanhal, no cine Argus alguns vendedores se confundiam com a própria história do cinema. (CARNEIRO, 2007, p. 16)

Além do Cine Argus, Seu Duca também estabeleceria seu próprio circuito interiorano no Pará a partir da década de 70. Distribuindo os filmes e comandando outros cinemas dos interiores do estado, como em Abaetetuba, Santa Izabel, Icoaraci (distrito de Belém), Breves, Capanema (e até em outros estados como em Imperatriz/MA e Macapá/AP). Esta empreitada nasceria para suprir uma necessidade causada pelo corte na distribuição dos alugueis de películas para os cinemas dos interiores do Pará executado pela empresa Severiano Ribeiro, distribuidora essa de quem Seu Duca alugava seus filmes para serem exibidos no Cine Argus. Pedro Veriano, crítico de cinema e pesquisador da cinematografia desenvolvida no Pará, acaba comentando sobre esse processo penoso e aguerrido desenvolvido por Seu Duca na década de 1970:

A medida representou uma tragédia para o exibidor interiorano, mesmo os mais profissionalizados como Carneiro. Restava uma única opção para manter o negócio: alugar filmes diretamente das distribuidoras nacionais com filiais nordestinas. Nessa época quase todas as fontes de comércio cinematográfico mantinham escritórios em Recife. O incansável “Duca” foi à capital pernambucana e assinou contrato com diversas marcas, especialmente as que possuíam títulos mais acessíveis ao seu público. Foi nesse período que eu visitei o Argus, vendo de perto a “ginástica” do exibidor que, entre outras dificuldades, usava apenas um projetor (hoje isto é comum), colocando o filme inteiro em um carretel de madeira que ele mesmo construiu, tudo para não deixar intervalo durante a sessão. (VERIANO, 2007, p. 37)

Com a engenhosa empreitada de Seu Duca, o Cine Argus resistiria ainda por vários anos subsequentes mesmo com várias dificuldades logísticas no processo de distribuição dos filmes para os outros cinemas dos interiores juntamente às suas manutenções. Em março de 1982, Seu Duca viria a falecer em um trágico acidente automobilístico enquanto o circuito ainda estava ativo. Amílcar Carneiro, um de seus filhos, se encarregou de assumir o Cine Argus e todo o circuito interiorano que, com muito esforço, ainda conseguiria mantê-los até o ano de 1995 em um contexto de fechamento de vários cinemas de rua ao redor do Brasil devido à popularização do VHS e dos aparelhos de televisão que já facilitavam a assistência a filmes em domicílio.

O curta-metragem de Eivaldo Moura aborda resumidamente determinadas experiências desenvolvidas no Cine Argus através das memórias de antigos frequentadores do local, junto aos familiares e funcionários do antigo cinema castanhalense. Apesar do curta-metragem estar intimamente ligado ao seu longa-metragem posterior (onde literalmente a maioria das cenas do primeiro se repetem no segundo, contendo algumas diferenças no foco de abordagem do objeto de estudo), ambos possuem diferenças significativas tanto em sua construção interna, quanto nas interações sociais desenvolvidas em seus processos externos de recepção.

***Memórias do Cine Argus* (2014): recepção e circulação.**

Para produzir o curta-metragem, Eivaldo Moura inicia suas pesquisas no ano de 2012 ao centrar, principalmente, na busca de memórias pessoais daqueles que vivenciaram e tiveram contatos com o Cine Argus em Castanhal. A motivação inicial para a produção de um documentário sobre o Cine Argus parte da própria experiência pretérita do cineasta com o cinema, fazendo assim com que, parte de sua infância se insira nesse processo de produção e até no interior do filme chegando a compor o prólogo e o epílogo do curta-metragem com uma narração poética de suas lembranças com o Cine Argus. O cineasta documenta esse detalhe em um blog destinado às produções fílmicas sobre o Cine Argus que é centrado principalmente no diálogo com a comunidade internauta sobre o andamento da produção do seu sucessor em longa-metragem, que naquele ano de 2015 estava em processo de filmagens:

As pesquisas do diretor Edivaldo Moura sobre o Cine Argus iniciaram em 2012, junto com as gravações das primeiras entrevistas. A motivação por produzir um filme sobre o cinema de rua que marcou a história do município de Castanhal remete à infância do realizador. Sua paixão pelo cinema nasce com a primeira sessão assistida no Cine Argus, em 1991, aos 11 anos de idade. Dali em diante o Cine Argus passaria a fazer parte de suas tardes. Tratava-se de uma sessão dupla: *A Volta dos Mortos Vivos II* (Ken Wiederhorn) e *As Aventuras do Barão de Munchausen* (Terry Gilliam). (MOURA, 2015).

Em outra postagem do blog de Edivaldo Moura, o cineasta interliga a sua infância com o cinema no próprio processo de pesquisa para a produção dos documentários (o curta e o longa-metragem), fazendo assim, uma constante intersecção entre a figura nostálgica da experiência vista e vivida do passado com a figura do pesquisador no presente que, agora com um certo distanciamento temporal, acaba por descobrir outras facetas do cinema através das experiências sociais estabelecidas pelos castanhalenses em outros contextos históricos:

Fazer pesquisa exige estar apaixonado. E eu estou apaixonado pelo Cine Argus desde 1991, quando pela primeira vez, aos 11 anos, entrei em uma sala de cinema. Gostaria de lembrar da data. Celebraria como um aniversário. Foi um divisor de águas na minha vida: nascia minha paixão pelo cinema. Minhas tardes de domingo nunca mais seriam as mesmas desde que meus olhos mergulharam no telão do Argus. Minha vida e tudo o que viria depois seria marcada substancialmente. Tudo por causa daquele domingo de 1991. Hoje, após quase três anos em que iniciei uma pesquisa sobre a história do Cine Argus, tecida a partir das memórias dos personagens que fizeram parte dessa história em algum momento dos seus quase 60 anos, me sinto novamente imerso e envolvido pelo cinema de Seu Duca (que não tive a felicidade de conhecer), tal qual aquele menino maravilhado de 1991. (MOURA, 1 de março de 2015).

Esse processo duplo de encontro às memórias do outro e, ao mesmo tempo, de revisitação às memórias pessoais, acaba sendo um fator definidor dos documentários de Edivaldo Moura que constroem um olhar ao passado de Castanhal através de uma guinada subjetiva (SARLO, 2007) coletiva entre diversos fragmentos de lembranças pretéritas voltadas ao Cine Argus que são construídas pelo presente reivindicador. Resgato esse conceito de Sarlo na consideração que a autora faz das marcas das subjetividades no mundo público, principalmente nos discursos em primeira pessoa que foram sendo privilegiados no campo das ciências humanas no pós-guerra através das experiências traumáticas. Mas não tenho como foco aqui as experiências traumáticas, mas sim a atuação dessas subjetividades nos aspectos mais cotidianos de parte do passado castanhalense requisitado pelo filme,

deslocamento esse que Sarlo já chegava a chamar a atenção ao salientar que a valorização das narrativas em primeira pessoa não acontecia somente nas experiências traumáticas do pós-guerra, “mas também e fundamentalmente nesse território de hegemonia simbólica que são os meios audiovisuais” (SARLO, 1997, p. 21).

A experiência pretérita ainda permaneceria na memória com o passar do tempo, porém, são nos anos após os primeiros contatos estabelecidos no cinema, através do processo de pesquisa para a produção dos documentários, que a noção da importância cultural do Cine Argus para o município se revela ao cineasta. Edivaldo Moura chega a relatar sobre esse fator em entrevista realizada em janeiro de 2013 ao *podcast* castanhalense chamado "ventibora", apresentado por Thiago Leal e Edwin Palheta:

Assim... a gente aprende infelizmente a dar valor às coisas quando a gente perde, eu na época que o VHS estourou em Castanhal eu fui da geração que se apaixonou pelo VHS e começou a assistir em casa, então.. quando o cine argus fechou... não me gerou comoção o fechamento do argus, essa é a verdade na época, porque a gente tava vislumbrado com o VHS né. Quando eu resolvi fazer um documentário sobre o cine argus eu já fazia cinema, comecei a fazer o curso de cinema no Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense, e tinha o festival de curtas aqui em Castanhal e a gente se conheceu nesse festival (se referindo à Amílcar Carneiro, um dos filhos de Seu Duca) e eu falei pro Amílcar que eu tinha vontade de fazer um filme sobre o cinema, mas eu não sabia a dimensão do que era a história do cinema em Castanhal, eu não sabia que falava tão alto para as pessoas como falava pra mim, eu fui descobrir isso no processo de pesquisa, mas na época mesmo do fechamento eu tava encantado mesmo com o VHS. (VEMTIBORA PODCAST. 13 de janeiro de 2023).

O festival de curtas-metragens “Curta Castanhal”, realizado no município nos anos de 2009 a 2015, foi o principal incentivador para a produção de Memórias do Cine Argus. A prefeitura de Castanhal, através da Fundação Cultural do Município de Castanhal – FUNCAST (hoje denominada de Secretaria de Cultura e Turismo – SECULT), incentivava naqueles anos as produções audiovisuais realizadas no município, chegando a premiar financeiramente os ganhadores em categorias específicas. Segundo seus próprios termos, o projeto da prefeitura tinha como objetivo, “estimular a criatividade e o gosto pela criação audiovisual, incentivando a produção de vídeos, além de estimular a exibição pública de filmes que não são distribuídos e nem exibidos nos circuitos tradicionais de cinema” (FUNCAST, 2014, p. 3).

Memórias do Cine Argus sairia como o vencedor na categoria “melhor documentário” no VI Festival de Curta-Metragens Curta Castanhal daquele ano de 2014, sendo que, Edivaldo Moura já havia participado da edição anterior do festival sendo premiado na categoria geral com o seu curta-metragem “Terreiro de Mina”, que era construído através do depoimento da Mãe Ana Rita para centrar-se no terreiro de mina Nanã Buruquê, que no ano de 2013 completava 30 anos no município de Castanhal.

O curta-metragem sobre o Cine Argus contou com a participação de 15 entrevistados, contendo frequentadores do Cine Argus, funcionários do cinema e integrantes da família de Seu Duca. Para o festival ocorrido em 2014, o curta-metragem seria exibido em uma versão de 15 minutos, porém, o documentário passaria por uma alteração posterior que o delimitaria em uma versão definitiva de 20 minutos, sendo essa a que seria comercializada em DVD na região e divulgada na internet posteriormente. Essa é a versão que também acaba participando de diversos festivais ao redor do Brasil durante os anos de 2015 a 2019:

A gente fez o Memórias do Cine Argus, foi pro festival do curta Castanhal de 2014, ele ganhou o festival naquele ano e... a repercussão dele foi imensa em Castanhal. Então começou a aparecer muita gente com imagens, com história e aí na época eu e mais dois amigos, que é a Bruna e o Rafael, a gente fez um projeto pro prêmio PROEX de arte e cultura da UFPA, o projeto foi aprovado e o projeto era pra transformar o curta em longa que virou O cinema de Seu Duca, a gente pegou outras imagens, outras pessoas e estendemos o filme. (VENTIBORA PODCAST. 13 de janeiro de 2023)

Essa ênfase na recepção calorosa por parte da comunidade castanhalense também ganha certo destaque em seu blog, sendo que, esse fator teria sido um dos incentivadores para a produção de um longa-metragem que comportasse mais memórias, documentos e informações em uma produção fílmica mais extensa sobre o Cine Argus:

Em 2014, concluí um filme de 15 minutos chamado Memórias do Cine Argus e o mesmo venceu o VI Festival de Curta Metragens de Castanhal, como melhor documentário. Mais importante que o prêmio, foi o prazer de dividir minha pesquisa com várias pessoas. A divulgação da exibição do filme no facebook teve grande repercussão e pude sentir ainda mais como o Cine Argus marcou a vida de tanta gente, ao longo de várias gerações, assim como fez comigo. Muitas pessoas demonstraram gratidão pelo simples fato de poder ver uma foto do cinema que tanto frequentaram. O Cine Argus marcou profundamente a vida cultural e a formação dos castanhalenses.

Várias novas imagens, materiais, relatos, memórias e curiosidades foram aparecendo. Ainda havia muito o que contar. A pesquisa precisava ter prosseguimento. Meu amor pelo cinema de rua de Castanhal só aumentava. (MOURA, 1 de março de 2015)

Essa recepção social de Memórias do Cine Argus estabelecida nas redes sociais ganha um certo destaque nos textos de Edivaldo Moura. Sua página no facebook destinada aos filmes sobre o Cine Argus (com o título de “Memórias do Cine Argus”, análogo ao curta-metragem), recebia nos anos de 2015 a 2016 (momento de produção do longa-metragem) diversos comentários e compartilhamentos que expressavam experiências pessoais com o antigo cinema castanhalense ao ver uma fotografia, filmagens ou informações em postagens que Edivaldo Moura compartilhava na rede social. Como um destes exemplos, o cineasta destaca a grande circulação social estabelecida pelos internautas ao visualizarem uma fotografia do Cine Argus com exibição ao filme “Cavaleiros do Zodíaco”, no provável ano de 1995:

Mais de 12.000 visualizações, 109 compartilhamentos e curtidas que nem dá pra contar, de tanto que a foto se espalhou na rede. Incrível o frisson que uma simples imagem do Cine Argus é capaz de fazer, evocando tantas recordações. Interessantes sentir também a enorme importância que a sessão do filme Os Cavaleiros do Zodíaco teve na etapa final do Cine Argus. (MOURA, 30 de dezembro de 2015)

Na entrevista realizada ao *ventibora podcast*, o cineasta também chega a comentar sobre esse *frisson* que a fotografia gerou nas redes sociais pelo encontro de gerações mais novas em torno do Cine Argus e como a rede social comportava um agrupamento heterogêneo de antigos espectadores do cinema de rua no município:

Agora assim teve uma coisa interessante na reação do público às postagens que a gente fazia sobre o cine argus é... e eu salvei né, achei tão bacana que eu tenho tudo salvo em casa. E tinha gente que entrava em contato comigo pra me agradecer porque não lembrava mais como era o cinema que tinha frequentado na infância, então tem umas fotos que elas tem uma repercussão gigantesca e a do Cavaleiros do Zodíaco me surpreendeu, porque é uma geração mais jovem né que assistiu, e muita gente tinha ido e ver e conhecer o cine argus já no finalzinho do cine argus com Cavaleiros do Zodíaco. (MOURA, Janeiro de 2023)



Figura 1 – Cine Argus com o filme “Os Cavaleiros do Zodíaco” em exibição, no provável ano de 1995.

Fonte: Memórias do Cine Argus. Facebook, 2015.

Essas interações sociais foram sendo ocasionadas durante e após a produção do curta-metragem, solapando assim, a representação fílmica com outras histórias, memórias e informações que não caberiam nem mesmo em seu precursor em longa-metragem devido à dimensão cultural que o Cine Argus desenvolvia durante suas décadas de funcionamento em Castanhal, exemplo disto, é o comentário de “Seu Sabá” ao assistir o curta-metragem de Edivaldo Moura. Um dos mais importantes projetoristas do Cine Argus, Sebastião Guimarães (conhecido como Sabá do Cinema) e, também, um dos participantes do curta chega a comentar sobre o pequeno fragmento que a produção de Edivaldo Moura representava, justificando assim, a produção de uma versão mais longa dele:

Décadas de dedicação na projeção dos filmes lhe renderam problemas de vista. Marcas cruéis de um tempo saudoso, de uma heróica testemunha ativa da saga de Seu Duca. O problema de visão lhe impediu de ir assistir ao filme Memórias do Cine Argus nas duas vezes em que foi exibido na Fundação Cultural de Castanhal. Mas não o impediu de o assistir em sua casa. E de fazer uma justa observação: "O filme contou só uma parte da história. Vixi, o Cine Argus foi muito mais que aquilo!". Nós sabemos, Sabá. E é por isso que nossa pesquisa continua. (MOURA, 17 de outubro de 2015)

Para englobar essa gama de memórias sobre o Cine Argus, e no entendimento de que os filmes seriam recortes da história do cinema de rua, Edivaldo Moura chega a esboçar a criação de espaços específicos para comportar as várias lembranças e experiências que o cineasta vinha recebendo durante o processo de exibição do curta-metragem, coexistindo também com o processo de produção do longa-metragem "O Cinema de Seu Duca". Exemplo disto seria uma espécie de coluna semanal exposta no blog do cineasta, esta seria dedicada às histórias do Cine Argus contadas pelas memórias da comunidade castanhalense com vista a criar campos extra fílmicos que comportassem a gama de influências que o Cine Argus desenvolvia na vida cultural dos moradores de Castanhal:

Volta e outra um leitor ou leitora (seja do blog, seja do facebook) entra em contato contando uma história interessante que vivenciou no Cine Argus e de alguma forma marcou sua vida. São as coisas mais diversas, interessantes e inusitadas possíveis: romances, micos, fatos históricos, engraçados, traquinagens... Algumas dessas pessoas foram entrevistadas e compartilham essas histórias em nosso documentário. Mas, muitas histórias não estão gravadas e não serão, portanto, contadas no filme. A lista de potenciais entrevistados/as era imensa e não cabia no mesmo. Por isso, aproveitando o prestígio ao nosso blog e à página do filme no facebook, e com o intuito de garantir o registro do máximo de memórias possíveis sobre o Cine Argus, estamos criando um espaço semanal no blog/facebook chamado "Minha história com o Cine Argus". Leitores e leitoras interessados poderão enviar suas histórias, preferencialmente com alguma foto, para o email edivaldo.cinema@gmail.com. Sua história pode ser publicada e assim você estará contribuindo para o resgate das memórias de nosso querido cinema. E se sua história for publicada, você ainda ganha um dvd do filme. (MOURA, 15 de abril de 2016).

Por motivos que ainda desconhecemos, o espaço semanal não seguiu adiante nas redes, porém, as interações sociais desenvolvidas na internet através de comentários de experiências e no compartilhamento de informações, fotografias e documentos sobre o Cine Argus ainda continuaram ao longo das publicações, acompanhando assim todo o processo de circulação do curta-metragem no município e também no andamento das filmagens do longa.

Além das redes sociais, Memórias do Cine Argus também sofreria processos de recepção através dos vários festivais cinematográficos que o curta-metragem chegou a participar. Seja concorrendo em mostras competitivas no gênero, ou em exposições livres, o curta-metragem durante os anos de 2014 a 2019 chegou a ser exibido em 11 estados do Brasil, passando pelo Pará (VI Festival de Curta-Metragens

Curta Castanhal, 2014; I Mostra Curta Pará, 2015; VI Mostra de Cinema da Amazônia, 2015; III Festival Audiovisual de Belém, 2015; II Festival Internacional de Cinema do Caeté – FICCA, 2015; Festival Curta Caboclo, 2016; Mostra Sesc de Cinema, 2017) Pernambuco (VI Cine Creed, 2015; VIII Janela Internacional de Cinema de Recife, 2015), São Paulo (9º Curta Ourinhos, 2015; 26º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo, 2015; I Festival Internacional de Cinema Independente – FESTICINI, 2015), Minas Gerais (10º CineOP - Mostra de Cinema de Ouro Preto, 2015), Sergipe (Festival Sergipe de Audiovisual – SERCINE, 2015), Rio de Janeiro (III Festival Brasil de Cinema Internacional, 2015; 19º Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2015; 14º Festival Internacional de Cinema de Arquivo – RECINE, 2015; Festival de Cinema Brasileiro da Baixada Fluminense – Vercine, 2016), Rio Grande do Sul (Festival de Cinema de Santo Angelo, 2015), Alagoas (V Festival de Cinema Universitário de Alagoas, 2015), Manaus e Acre (VI Mostra de Cinema da Amazônia, 2015), Ceará (Festival de Jericoacoara - Cinema Digital, 2017), e Bahia (1ª Mostra Cinemas do Brasil, 2019). O curta-metragem também faria sua estreia internacional no CinANTROP - Festival Internacional de Cinema Documental-Etnográfico de 2015, na cidade de Leiria em Portugal.

Memórias do Cine Argus chegou a ser premiado em mostras competitivas de alguns desses festivais de que participou. Dentre eles, estão: Menção honrosa no III Festival de Audiovisual de Belém (2015); Melhor Curta-Metragem Documentário no I Festival Internacional de Cinema Independente (FESTICINI – Sumaré, SP, 2015); Prêmio Imagem-Tempo no II Festival Internacional de Cinema do Caeté - II FICCA, em Bragança (PA) (2015); 2º Lugar no Festival Curta Caboclo (IFPA - Campus Belém) (2015).

O filme também participou de exposições específicas que não faziam parte de festivais voltados ao espaço cinematográfico. Como exemplo, estão as exposições ocorridas no auditório da Fundação Cultural de Castanhal (FUNCAST) em maio de 2015 que contava com o apoio da prefeitura do município naquele ano; No auditório central do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA Campus Castanhal que fazia parte do segundo dia do seminário de lançamento do Grupo de Pesquisa SEIVA - Saberes, Educação, Interculturalidade e Variações Temáticas, também em maio de 2015; Na Feira Agropecuária de Castanhal (Expofac) em 2015; No CineSesc em Castanhal no ano de 2017; e na Casa da Fraternidade do

bairro Apeú em Castanhal, esta última que acaba ganhando uma menção carinhosa pelo cineasta ocorrida no ano de 2016:

Mais emocionante ainda foi a exibição do filme Memórias do Cine Argus na Casa da Fraternidade, para um público composto pelos idosos do asilo e pelos funcionários da casa, por ocasião da entrega dos alimentos. Público atento e animado. Uma maravilha ver a emoção das pessoas ao conhecer a história do Cine Argus. Houve doação de dvds e camisetas. Emocionante! (MOURA, 20 de dezembro de 2016)

Dentre essa grande circulação de Memórias do Cine Argus ao redor do Brasil, duas delas chamam a atenção ao ganharem um destaque específico no blog do cineasta que expõe mais detalhes das interações sociais desenvolvidas nas exibições. A primeira delas é a que ocorreu em Castanhal na noite do dia 29 de maio de 2015, no auditório da Casa de Cultura do Município (FUNCAST), na terra natal do Cine Argus. Essa sessão produziu uma cerimônia simbólica em alusão ao Cine Argus, procurando assim, comportar toda uma ambientação voltada a uma série de referências ao antigo cinema de rua castanhalense, chegando a contar com a exposição de diversos cartazes de filmes exibidos no Cine Argus e com a execução do concerto de Varsóvia antes do início do curta-metragem (música característica que tocava antes das sessões começarem no Cine Argus).

Ao final da exibição, houve uma interação social através do debate aberto ao público que, em sua maioria, possuía experiências com o Cine Argus no município e que naquela noite compartilharam parte de suas memórias com o antigo espaço. Também no evento, o memorialista Amílcar Carneiro (um dos filhos de Seu Duca e um dos personagens do curta-metragem) é oficializado como produtor executivo do longa-metragem, esse que também participará do mesmo filme como um dos personagens e que acaba acompanhado Edivaldo Moura em outras produções subsequentes, tanto como personagem quanto como parte da equipe de produção, como em "A Última Maria" (2021); "Dois Natais em 30 anos" (2021); "Do que sinto saudade" (2021); e o mais recente "Era uma vez em Castanhal" (2023).

Naquela noite, Edivaldo Moura pronunciou um extenso texto antes da exibição do curta-metragem que buscava destacar o papel cultural do Cine Argus para a história e memória de Castanhal. É interessante notar que, no discurso escrito pelo cineasta, apesar de haver um espaço cedido à noção do cinema como um ambiente multicultural ao defini-lo como "não era apenas uma sala de exibição (...) o Cine Argus

era muito mais do que um cinema! O Cine Argus era um ponto de encontro. Era o point pra muita coisa que acontecia na cidade”, o cineasta compõe boa parte do texto centrando-se no campo cinematográfico ao destacar o imaginário fílmico nos afetos da comunidade castanhalense durante as exibições no antigo cinema:

O Cine Argus foi tanta coisa... e fez tanta coisa! Pra começar, ele foi um cinema. No Cine Argus assistimos seriados e, muito antes das novelas, sofremos com a expectativa do próximo capítulo. “Será que o mocinho vai conseguir escapar dessa? Não percam o próximo episódio!”. E é claro que ninguém perdia. O Cine Argus nos fez amar os filmes de faroeste! Quisemos ser os personagens vividos por Giuliano Gemma e John Wayne. E nos fez apaixonar! Marilyn Monroe, Brigitte Bardot, Sônia Braga. James Dean, Tom Cruise, Marlon Brando. Projetamos nossas estrelas do cinema na pessoa sentada ao nosso lado e vivemos inesquecíveis romances. Quantos namoros começaram no Cine Argus! O Cine Argus também nos fez querer brigar. Pelo menos, de brincadeira. Quem nunca tentou imitar os golpes dos filmes de karatê, ser Bruce Lee, Stalone Cobra, Rocky Balboa, O Último Dragão Branco de Van Damme, Braddock, Rambo, Conan e diversos outros personagens dos filmes de ação? E quem nunca quis ser um jedi? Aliás, quem é que não ficou de queixo caído quando Darth Vader disse ao Luke Skywalker: “eu sou seu pai”? O Cine Argus nos fez rir, e rir demais! Nos apresentou clássicos das chanchadas, com Oscarito, Grande Otelo e companhia. E quantas filas gigantescas se formaram dobrando o quarteirão, por causa de um único motivo. Aliás, de quatro: Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. Que crianças felizes nós fomos com os Trapalhões!... O Cine Argus fez parte de nossas tradições religiosas. Programa obrigatório da semana santa de todo católico que se prezava. Quantas vezes assistimos A Vida de Cristo, ano após ano, e com a mesma empolgação? A maior bilheteria de todos os tempos do Cine Argus era o maior milagre de Cristo, como dizia Seu Duca.

E o cinema de Seu Duca trazia as notícias do Brasil e do mundo também. Alguém lembra dos cinejornais Atlântida? E de quantas vezes vibramos com os gols do Canal 100? Mas, o Cine Argus também nos fez sentir medo. Que o digam as garras do Freddy Krueger e o terçado do Jason, que não importava o quanto você corresse, ele ia só na manha e sempre te alcançava! E pra nos socorrer de todos os nossos temores, só mesmo Os Caça-Fantasmas! (...) (MOURA, 29 de maio de 2015)

O Cine Argus, através do curta-metragem, também alcançava outros espaços sociais de fora da sua cidade e estado natal. Um bom exemplo disso é a exibição de Memórias do Cine Argus no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) em 22 de agosto de 2015 durante o 26º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo. Naquela exibição, Amílcar Carneiro foi a São Paulo para representar o filme junto aos debates que foram gerados após a sessão, e em referência a esta, é feita uma

publicação no blog que transcreve parte dos comentários realizados pelo público espectador após a exibição do curta-metragem:

"Ele retratou muito bem o amor das pessoas pelo Argus, parece que era a coisa mais importante da vida deles" (estudante de cinema da USP).

"A gente passa a se identificar com tudo, morei no interior e era assim mesmo" (realizador de São Carlos).

"Esse cara foi um herói" (de um espectador sobre o seu Duca).
(MOURA, 26 de agosto de 2015)

No dia anterior a essa exibição no CCSP, e também em São Paulo, Memórias do Cine Argus fez sua exibição no Cine Olido através do mesmo festival. Nesta exibição, Amílcar Carneiro que também compareceu como representante do filme acaba traçando um relato que interliga as memórias de seu pai com o Cine Olido, e junto a isto, Carneiro acrescenta um comentário de uma espectadora do filme que tinha acabado de assistir ao curta-metragem:

Durante a exibição de ontem no Cine Olido, não pude deixar de me lembrar (e me emocionar) do seu Duca. Toda vez que ele vinha a São Paulo ia ao Olido, cinema que ele admirava muito e chamava de o melhor do Brasil. E lá estava eu assistindo no Olido a história do cine Argus. Na saída, uma participante da mostra comentou comigo e outras pessoas: "Que coincidência, a história de um cinema que fechou sendo exibida em um cinema que também fechou" (CARNEIRO, 22 de agosto de 2015).

A história do Cine Argus exibida fora de sua terra natal geraria aproximações significativas com outras experiências desenvolvidas no campo cinematográfico. Seja no reconhecimento de semelhanças desenvolvidas pelos cinemas de rua fora do estado do Pará, ou pelas memórias de Seu Duca sendo expressas futuramente pela exibição em um cinema que também teria o mesmo fim, o Cine Argus representado no filme de Edivaldo Moura alcançava interações sociais fora do estado do Pará com sujeitos que passavam a se identificar de alguma forma com o cinema de Seu Duca, além de também ser uma espécie de veículo educacional que expressava Brasil a fora a importância de sua multiplicidade cultural para a formação do município de Castanhal.

Fora do estado do Pará, Edivaldo Moura também estabelece contatos com outros cineastas que, de maneira semelhante, também estiveram envolvidos com produções de filmes sobre cinemas de rua. O maior exemplo é o constante diálogo

que Eivaldo Moura estabelece com Christian Jafas, documentarista que estreia como diretor em “Cine Paissandu: histórias de uma geração” (2014), curta-metragem que conta a trajetória do cinema que formou a Geração Paissandu no Rio de Janeiro dos anos 1960, e o impacto cultural e social desse período para a história do país. Porém, Jafas esteve mais presente no processo de produção do longa-metragem sendo atuante “não somente na contribuição ao evento de estreia de O Cinema de Seu Duca, mas em dicas e sugestões ao longo do processo de produção do filme.” (MOURA, 1 de outubro de 2016)

Toda essa circularidade social realizada em torno do curta-metragem fez com que o aparato fílmico delimitasse um fragmento de algo que transbordava o seu interior: o excesso de memórias e histórias sobre o Cine Argus. A escritura fílmica (ROSENSTONE, 2010) da história do Cine Argus estabelecida no curta-metragem possui seus próprios parâmetros de inteligibilidade, garantindo assim, um sentido específico ao passado castanhalense que se entremeia entre as subjetividades do cineasta e aos fragmentos de experiências dos moradores do município. Entendemos que, toda a construção documental interna seria um tratamento dessa gama social para torná-la filmável, assim como pontua Jean-Louis Comolli:

A função do documentário seria, então, expor-se incessantemente à presença daquelas representações coletivas a que chamamos “realidades”. Constituídas ao longo do tempo como narrativas ou como mises-en-scène, elas preexistem à relação cinematográfica. Instituições políticas, judiciais, econômicas... grupos, associações, sindicatos, empresas... nenhum desses sistemas precisou esperar o cinema para se formular e se formar. Essas construções sociais e mentais elaboram sua própria narrativa do mundo sem esperar e sem depender daquilo que o cinema teria a narrar. Trata-se, para o cinema documentário, de construir um estado filmável do mundo com – e às vezes contra – todos os estados narrativos do mundo já existentes; de impor, de superpor ou de opor uma mise-en-scène cinematográfica a outras mise-en-scènes institucionais ou coletivas, inclusive familiares, que podem competir com a sua, tanto em resistência quanto em cumplicidade. (COMOLLI, 2008, p. 151)

Esse mundo filmável em Memórias do Cine Argus se vê em um constante jogo de relações entre o público e o privado, ou seja, entre o Cine Argus como aparato amplo interligado à própria formação histórica de Castanhal enquanto espaço multicultural, e ao mesmo tempo, como um campo construtor de identidades no compartilhamento de memórias pessoais centradas no cinema. A voz-off do cineasta na *mise-en-scène* documentária se desloca do caráter didático-impositivo (a exemplo

da “Voz-de-Deus” característica dos documentários clássicos dos anos 30) para expor suas próprias lembranças com o cinema, inserindo-se assim, como um dos personagens no filme.

Pelo processo de intermediação entre a experiência subjetiva de Edivaldo Moura junto às lembranças de um corpo social castanhalense no interior do curta-metragem, a ideia de um “documentário performático”, tal qual denominou Bill Nichols (2005), pode ajudar a entender o filme de Edivaldo Moura em um modo específico de se constituir, pois o performático enfatiza “o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita ideias de objetividade em favor de evocações e afetos” (NICHOLS, 2005, p. 63).

Afetos de si e do “outro”, essa circularidade permite uma escritura menos objetiva do passado e mais experiencial, privilegiando assim, na construção de uma espécie de “documentário de memória afetiva” (TOMAIM, 2019) onde a performance surge aqui não como símbolo de uma memória traumática, mas sim da marca de uma estrutura material que já inexistiu em Castanhal, subsistindo apenas nas lembranças, na qual, “o teor testemunhal destes documentários se reveste de um potencial afecional, em que o cineasta que narra é também afetado pela narração do trauma/passado” (TOMAIM, 2019, p. 1). Junto ao registro da narrativa e da exposição dos elementos que servem como preservação do passado (fotografias de arquivo utilizadas na produção e o próprio registro daquele presente por exemplo), se encaminha também a performance do “outro” e do cineasta ao se situar em uma Castanhal do presente para construir/transformar o seu passado.

Nos parece também que a ideia de um “documentário de memória” como bem apontou Guy Gauthier em referência aos documentários que se propõem em “(mergulhar) no passado por intermédio das testemunhas ou da pesquisa dos indícios” (GAUTHIER, 2011, p. 213), pode nos auxiliar na ideia de identificar determinados vínculos em comum que dialogam historicamente com uma forma de se constituir enquanto documentário exclusivamente voltado à memória, e que acaba interligando em certa medida o curta-metragem de Edivaldo Moura com outras produções que também se constroem de forma semelhante (a exemplo do próprio “Cine Paissandu: histórias de uma geração” de Christian Jafas). Porém, o que mais importa para nós é resguardar o curta-metragem em suas devidas singularidades sociais externas e

internas em seu processo de construção, o que acaba não permitindo com que o mesmo seja um espelho linguístico de um modelo definido.

Nesse sentido, apesar de reconhecermos que o filme em seus constructos internos não se permite ser um mero reflexo do mundo social que o engloba (SORLIN, 1977), as relações específicas que foram construídas entre a comunidade castanhalense de forma externa à internalidade do curta-metragem permitiram criar uma singularidade documentária através dos encontros realizados pelo cineasta junto à construção das relações passado-presente para torná-la filmável. Ou seja, longe de qualquer pré-definição, é o próprio documentário que constrói “seus códigos de acesso, seus movimentos de pensamento que os enredam entre o sensível e o inteligível, o dentro e o fora, (...) que se propõem como um experimento em que não há método preexistente que faça antever seus resultados”. (TEIXEIRA, 2005, p. 121)

As interações realizadas no campo social exterior ao filme, foram sendo agrupadas em um campo coletivo de memórias voltadas a um espaço em comum, mas sempre havendo um privilégio pelas situações subjetivas (PORTELLI, 2016) de casos particulares em torno do cinema. Nesse caso, não há uma típica figura social que representa o espectador amazônico (BIZARRIA, 2007) dos cinemas de rua, mas sim, múltiplas facetas afetadas por um lugar-comum, o Cine Argus.

Memórias do Cine Argus, junto às suas singularidades enquanto produto social e como linguagem cinematográfica própria, também não deixa de ser uma forma de escritura do tempo presente do município de Castanhal. Mesmo tendo o tempo passado como foco principal, o presente não toma as rédeas somente pelos processos de reivindicação de memórias, mas sim também pelo processo histórico que ainda instiga parte da comunidade castanhalense no questionamento ao apagamento dos objetos e espaços históricos que fizeram parte da formação do município, principalmente no avanço do remodelamento urbano junto ao discurso de progresso apregoado na região a partir da elite política dos anos 60 e intensificado nos anos 70. (BARROS, 2014)

Para exemplificar este último aspecto, as falas finais de Arquimimo Cardoso e Éldio Sena no curta-metragem são significativas ao demonstrarem um anseio de reivindicação memorialística para o município em forma de denúncia:

O final do cine argus foi um sentimento de vazio, porque esse sentimento de vazio? Porque se você olha o cine argus só enquanto um cinema, uma sala de projeção, aí você pode dizer assim: “não, mas

eu tenho um videocassete”, mas o cine argus não foi só essa sala de projeção (...) Não tiveram essa preocupação com a memorialização de uma cultura, começaram derrubando a estação ferroviária, depois derrubaram o mercado municipal.. (Éldio Sena em Memórias do Cine Argus, 2014)

Talvez se o poder público municipal tivesse conseguido manter como conseguiram manter em Belém o cinema Olympia, o mais antigo em funcionamento, seria manter o resgate (...) Hoje, a lembrança do cine argus se mantém viva na memória de poucos. (Arquimimo Cardoso em Memórias do Cine Argus, 2014)

Essa forma de denúncia ao poder público na falta de uma política de preservação dos espaços históricos que se perderam na região ainda transita constantemente nas discussões desenvolvidas no município por historiadores e memorialistas que, voltados ao tempo presente pelo olhar ao passado, buscam uma forma de manter viva a imaterialidade daquilo que se perdeu, no caso, as memórias dos moradores que frequentaram e foram afetados por estes locais. Esse é um aspecto que se encontra presente em praticamente todas as produções subsequentes de Edivaldo Moura em referência ao município de Castanhal, como por exemplo, na crítica à derrubada da estação castanhalense em *A Última Maria* (2021), no olhar melancólico em *Do que sinto saudade* (2021) à dissolução dos antigos igarapés da região que hoje compõem canais à céu aberto, e no sentimento de perda em *Era uma vez em Castanhal* (2023) pela demolição do antigo prédio que abrigava o mercado municipal da região. Devido a delimitação do então artigo, esses campos ganharam mais espaços em outros trabalhos subsequentes, incluindo na produção da pesquisa de dissertação ainda em andamento no atual momento.

Considerações Finais

Através das interações sociais desenvolvidas no entorno fílmico de Memórias do Cine Argus junto à sua internalidade, o curta-metragem se insere como uma busca pelo não-esquecimento dos elementos histórico-culturais que fizeram parte da formação do município de Castanhal durante o século XX. O filme funciona como preservação audiovisual das memórias que circundavam o Cine Argus ao produzir as suas próprias imagens que se fixam no tempo da duração delimitada pela produção. Essas memórias se entremeiam por uma gama de subjetividades desenvolvidas pelas experiências do cineasta junto aos personagens que emprestam um fragmento de

suas vidas para compor o corpo narrativo do curta-metragem. Essas interações entre a direção e o participante extrapolaram a delimitação fílmica ao ser recebida por diversas lembranças e histórias que não couberam na *mise-en-scène* documental e que acabaram sendo comportadas em outros espaços sociais de interação pública, tendo como seu principal exemplo a internet. Mais tarde, essa gama de lembranças seria comportada em uma delimitação mais extensa através de um longa-metragem, e nos anos seguintes, os interesses de Eivaldo Moura se expandem na produção de outros filmes que abordam mais espaços sociais que fizeram parte significativa da formação do município ao decorrer do século XX².

Fontes Documentais (Filmes, postagens do blog e jornais Paraenses)

CARNEIRO, Amílcar. Cine Argus, Seu Duca, Cine Olido. **Blog Cine Argus**. 22 de agosto de 2015. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2015/08/cine-argus-seu-duca-cine-olido.html>. Acesso em março de 2023.

CARNEIRO, Amílcar. Empregos Indiretos. **Revista Independente** (Cooperativa Independente de Comunicação Social – CICS). Castanhal – Pará. ANO XX Nº 21, 28 de janeiro de 2007, p. 16.

CAVALCANTE, Paulo B. Como eram os velhos cinema do Pará-V – A origem do Cine Argus, de Castanhal. **O Liberal**. Belém – Pará, 18 de junho de 1989. Caderno dois, p. 5.

CARDOSO JUNIOR, Arquimimo de Oliveira. CINE ARGUS: UM BREVE COMENTÁRIO. **Revista Independente** (Cooperativa Independente de Comunicação Social – CICS). Castanhal – Pará. ANO XX Nº 32, 01 de março de 2008, pp. 5-6.

FUNCAST - Fundação Cultural de Castanhal. VI FESTIVAL DE CURTAS-METRAGENS “CURTA CASTANHAL 2014”. Diário Oficial - **PREFEITURA MUNICIPAL DE CASTANHAL**. Ano XX, Edição nº 282. Junho de 2014, p. 3. Disponível em: <http://www.castanhal.pa.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/ed.282.pdf>. Acesso em Fevereiro de 2023.

MEMÓRIAS DO CINE ARGUS. Direção: Eivaldo Moura. Produção: Eivaldo Moura. Castanhal – Pará, 2014. 1 DVD (20 min.). Disponível em: <https://vimeo.com/124667423>. Acesso em março de 2023.

² Como exemplo, podemos citar, “A Última Maria” (2021); “Do que sinto saudade” (2021); “Dois natais em 30 anos” (2022) e “Era uma vez em Castanhal” (2023). Todos estes se assemelham internamente a Memórias do Cine Argus, buscando assim uma inteligibilidade histórica ao passado do século XX de Castanhal através das memórias dos moradores do município.

Memórias do Cine Argus. **Página do Facebook**. 30 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/memoriasdocineargus/posts/1207271735956037>. Acesso em Março de 2023.

MOURA, Edivaldo. As Apaixonantes Memórias do Cine Argus. **Blog Cine Argus**. 1 de março de 2015. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2015/03/as-apaixonantes-memorias-do-cine-argus.html>. Acesso em março de 2023.

MOURA, Edivaldo. Cine Argus na Casa da Fraternidade. **Blog Cine Argus**. 20 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2016/12/cine-argus-na-casa-da-fraternidade.html>. Acesso em março de 2023.

MOURA, Edivaldo. Do Cine Paissandu para o Cine Argus. **Blog Cine Argus**. 1 de outubro de 2016. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2016/10/do-cine-paissandu-para-o-cine-argus.html>. Acesso em março de 2023.

MOURA, Edivaldo. Exibição e Debate de Memórias do Cine Argus no CCSP. **Blog Cine Argus**. 26 de agosto de 2015. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2015/08/exibicao-e-debate-de-memorias-do-cine.html>. Acesso em março de 2023.

MOURA, Edivaldo. Histórias do Leitor. **Blog Cine Argus**. 15 de abril de 2016. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2016/04/historias-do-leitor.html>. Acesso em março de 2023.

MOURA, Edivaldo. “Muito Mais que um Cinema”. Trecho do discurso de Edivaldo Moura, antes da exibição de Memórias do Cine Argus na Funcast. 29 de maio de 2015. **Blog Cine Argus**. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2015/10/muito-mais-que-um-cinema.html>. Acesso em março de 2023.

MOURA, Edivaldo. O Filme. **Blog Cine Argus**. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/p/o-filme.html>. Acesso em março de 2023

MOURA, Edivaldo. Seu Sabá do Cinema. **Blog Cine Argus**. 17 de outubro de 2015. Disponível em: <http://memoriasdocineargus.blogspot.com/2015/10/seu-saba-do-cinema.html>. Acesso em março de 2023.

PIMENTEL, Ivanise de Nazaré. Como eram os velhos cinema de Belém – Cine Argus. **O Liberal**. Belém – Pará, 07 de maio de 1989. Caderno dois, p. 5.

VENTIMBORA PODCAST. Amílcar Carneiro e Edivaldo Moura - #043 Ventimbora. 13 de Janeiro de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=13_CTihXxyQ. Acesso em Fevereiro de 2023.

VERIANO, Pedro. Cinema no interior do Pará. **Revista Independente** (Cooperativa Independente de Comunicação Social – CICS). Castanhal – Pará. ANO XX Nº 26, 30 de junho de 2007, p. 37.

Referências

- BARROS, Osimar da Silva. **A “CIDADE MODELO”: Reforma urbana, conflitos sociais e o discurso de progresso em Castanhal (1960-1987)**. Belém, 2014. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará.
- BIZARRIA, Fernanda Moura. **A Construção das Identidades no documentário: os povos amazônicos no cinema**. Manaus, 2007. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.
- COMOLLI, Jean-Louis. Viagem documentária aos redutores de cabeça. In: **Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. César Guimarães, Ruben Caixeta (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, pp. 143-160.
- GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema**. Campinas, SP. Editora Papyrus (1ª Edição), 2011.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas – SP. Editora Papyrus (Coleção Campo Imagético), 2005.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo, Letra e Voz (Coleção Ideias), 2016.
- ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Tradução: Marcello Lino. São Paulo. Paz e Terra, 2010.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo; Belo Horizonte: UFMG. Companhia das Letras, 2007.
- SORLIN, Pierre. **Sociologie du cinema**. Paris: Éditions Aubier Montaine, 1977.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. A propósito da análise de narrativas documentais. In: **Estudos Socine de Cinema: ano VI**. Catani, Afrânio Mendes / Garcia, Wilton e Fabris, Mariarosaria (organizadores) – São Paulo: Nojosa Edições, 2005, pp. 119-126.
- TOMAIM, Cássio dos Santos. Performance e documentário de memória afetiva. **E-Compós**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1573>. Acesso em: 25 mar. 2023.